

INTERTEXTUALIDADE PRESENTE NAS OBRAS DE JOSÉ DE ALENCAR: INFLUÊNCIA ESTRANGEIRA

INTERTEXTUALITY IN THE WORKS OF JOSÉ DE ALENCAR: FOREIGN INFLUENCE

Mateus José Ribeiro¹ Maria Cristina Barbosa Pereira² Maria Durciane Oliveira Brito³

RESUMO: A contribuição e influência de autores estrangeiros para a formação da literatura romântica nacional é o objeto desse estudo. Para tanto, analisa-se algumas obras de escritores do Romantismo europeu (como, dentre outros, Dumas, Balzac, Goethe, Chateaubriand, Victor Hugo, Walther Scott). Busca-se dar enfoque a produção romanesca de José de Alencar, uma vez que ele foi um dos romancistas que mais lutou pela formação da literatura puramente nacional. Ao abordar livros, cartas e autobiografia do autor brasileiro, bem como comentários de críticos contemporâneos seus, busca-se ver até que ponto a influência de autores e obras estrangeiras ajudaram na formação da literatura Romântica brasileira, principalmente em Alencar.

Palavras-chave: Formação do romantismo nacional; Influências estrangeiras; José de Alencar.

ABSTRACT: The contribution and influence of foreign authors to the formation of the national romantic literature is the object of this study. For this, some works of writers of the European Romanticism (like, among others, Dumas, Balzac, Goethe, Chateaubriand, Victor Hugo, Walther Scott) are analyzed. It is sought to focus the production of José de Alencar romanesca, since he was one of the novelists who fought the most for the formation of purely national literature. When approaching books, letters and autobiography of the Brazilian author, as well as comments of contemporary critics, it is sought to see to what extent the influence of foreign authors and works helped in the formation of Brazilian Romantic literature, mainly in Alencar.

Keywords: Formation of national romanticism; Foreign influences; José de Alencar.

1. INTRODUÇÃO

Quando se fala de nacionalismo na literatura, pensa-se logo, de imediato, no Romantismo, suas produções e seus autores. É dado a esse período da arte, como uma de suas características mais marcantes, o nacionalismo com a valorização da terra, sua natureza e seu povo. Mas as produções Românticas nacionais são puramente brasileiras? Até que ponto os livros de autores como José de Alencar realmente têm traços puramente nacionais? Ou há sobre eles alguma influência externa? Faz-se necessário responder essas perguntas, dando foco a José de Alencar, um dos maiores representantes do período em

¹ quempariumateusqueembale@gmail.com

² cristinapereirabp4@gmail.com

³ durciane@ifpi.edu.br

destaque, e um dos que mais buscou a identidade da cultura brasileira, para se chegar à resposta de um nacionalismo puro ou influenciado por escritores e obras estrangeiros.

O que se pretendeu foi investigar até que ponto Alencar foi influenciado pelas obras de escritores de fora do país, para que se possa entender melhor como se deu a formação de um dos maiores escritores que o país conhece, bem como a identidade da literatura nacional. Para tanto se fez uso da pesquisa em bibliografias de críticos da atualidade, bem como contemporâneos de Alencar, autores da literatura estrangeira e críticos nacionais que comentaram sua obra. Também, como não poderia ser diferente, foram analisadas obras e escritos do próprio autor romântico para esclarecer as dúvidas levantadas.

Optou-se, pois, por realizar a pesquisa do tipo bibliográfica. Ela é, segundo Jânio Jorge Vieira de Abreu (2015), desenvolvida com alguma base em material já elaborado, em livros, artigos ou periódicos, por exemplo. De acordo com Cajueiro (2015, p.17), esse tipo de pesquisa “resume-se à análise e discussão apenas de referencial bibliográfico de autores e literaturas, artigos ou monografias sobre o tema”. Logo, as diferentes formas de contribuição que se realizam sobre o assunto foram o objetivo desse estudo. E o tipo qualitativo da pesquisa é o focado, tendo em vista que se pretendeu interpretar os dados coletados, não os quantificando. Assim, foram analisados dados de livros, monografias, artigos, cartas, bem como sites que foram relevantes ao levantamento das informações necessárias à discussão e elaboração do trabalho sobre o tema proposto.

2. FORMADORES E INFLUENCIADORES DA LITERATURA UNIVERSAL ROMÂNTICA

Muitos foram os nomes que, desde períodos anteriores da literatura, contribuíram para a formação da estética Romântica. Não se pode negar que desde de a antiguidade clássica autores têm criado obras que serviram de inspiração para escritores que deram origem ao Romantismo. São citados, pois, aqui alguns que ficaram marcados na literatura internacional.

A recuperação das tragédias e comédias greco-romanas, por exemplo, para o teatro dá espaço, no final do século XVI, ao surgimento de um dos maiores nomes da dramaturgia já existentes: Willian Shakespeare, que logo se consagraria como um autor clássico universal, sendo citado, copiado e parafraseado por diversos autores do mundo todo e em todas as épocas, inclusive no período do Romantismo.

No Brasil, como não poderia ser diferente, o teatro de Shakespeare ecoou com força. A peça Leonor de Mendonça, de Gonçalves Dias, um marco do nosso teatro

Romântico, é visivelmente inspirado em Otelo. O teatro de José de Alencar também aproveitou muito das peças de Shakespeare. (LÍSIAS, 2007, p. 20)

Quanto ao Romantismo propriamente dito, e seu início de consagração na literatura, ele traz como uma de suas principais características o nacionalismo, a valorização da pátria e do herói nacional como símbolo do povo. E as novelas de cavalaria são lembradas através das obras do escocês Walter Scott, como exemplo de narrativas que rebuscam as origens das nações europeias.

Segundo Ana Maria Machado:

[...] quando a Idade Média entra na moda e vira mania europeia, retomam-se muitas dessas narrativas como ponto de partida para um tipo de novas obras que celebram os tempos heroicos de formação das nacionalidades (MACHADO, 2002, p.47)

Assim, aquilo que seria uma produção de séculos passados – as narrativas dos cavaleiros medievais – passa a ser uma das características da nova estética que está sendo criada.

De enfoque também histórico, Alexandre Dumas compõe romances de aventura, como nos casos de *Os Três Mosqueteiros* e *O Conde de Monte-Cristo*. Estes serviram de inspiração para muitos escritores por toda a Europa e América.

Além do nacionalismo, esse período também tem como característica o lirismo de tristeza exacerbada dos escritores Lorde Byron e Goethe, que influenciaram toda uma geração de românticos, como, por exemplo, Álvares de Azevedo aqui no Brasil. Foi o chamado byronismo, estilo obscuro, melancólico e solitário.

De grades laços de amizade com Byron, a escritora Mary Shelley produz um dos personagens de terror mais conhecidos de todos os tempos: Frankenstein.

Escrito em estilo de romance gótico e incorporando elementos das pesquisas científicas da época, o monstro criado por Mary Shelley se tornou um enorme sucesso não só nas páginas de seu romance, mas também em telas de cinema ao longo do século XX. (ARANTES, 2007, p. 35)

Também de tema obscuro, no final do século XIX o escocês Robert Louis Stevenson, escreve o grande clássico *O Médico e o Monstro*. O livro é um romance criado na época da elaboração das teorias do inconsciente, sendo visto quase como um dos vários estudos antecipadores de conceitos e temas psicanalíticos. (PUGLIA, 2007)

Na mesma época, na França, destaca-se Vitor Hugo, com seus romances de denúncia social e ideias de liberdade. Suas obras tiveram grande respaldo no mundo literário romântico. No Brasil foram vários os escritores que se espelharam em suas composições; Castro Alves foi um deles. Assim como esses citados, existiram muitos que deram sua contribuição para formar e disseminar o estilo romântico pelo mundo. E é dessa mescla de autores e produções que os escritores nacionais buscaram inspiração para criar personagens que ficaram marcados na literatura brasileira.

3. ALGUMAS INFLUÊNCIAS ESTRANGEIRAS NA LITERATURA ROMÂNTICA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX

No século XIX a literatura estrangeira teve aceitação no Brasil, tanto do público leitor como de escritores locais. É inegável que nas produções de renomados literatos brasileiros são feitas referências diretas, paráfrases, citações indiretas e até comparações em uma intertextualidade que deixa clara a influência de autores de outros países sobre os nossos. Logo, situações, ambientes, personagens e nomes de escritores estrangeiros são falados em muitas ficções nacionais. A influência daqueles sobre essas é explícita.

Para Valéria Christina Bezerra:

Quanto ao romance brasileiro, sua nacionalidade foi interpretada não apenas levando em conta a sua cor local, mas a sua capacidade de se apropriar de aspectos comuns nas obras provenientes de outras partes do mundo. É o que defende L. F. da Veiga, ao propor que “se a poesia brasileira quer ter cor local, quer nacionalizar-se, não precisa identificar-se ou retemperar-se nos dizeres selvagens, nem ir forçosamente inspirar-se nos usos e costumes dessas tribos, que fogem à luz da civilização (BEZERRA, 2016, p. 100–101)

Mas foi com a chegada da Família Real que foi exigido um desenvolvimento nunca visto na colônia juntamente como a oportunidade de se ter maior contato com a cultura do velho mundo. Para receber a corte, não só o aparato estrutural foi criado, mas também o intelectual. Assim, a produção literária europeia começa a circular com mais facilidade e intensidade pelas bibliotecas e gabinetes de leitura do Brasil. Encontrou ela nossos escritores como público leitor ávido por conhecer as criações que encantavam a Europa.

Nomes como José de Alencar não negaram que foram leitores de autores estrangeiros, nem seus livros dizem o contrário. São muitas as referências encontradas de personagens da ficção nacional que leem ou citam obras de outros países.

Alencar (1990) diz: ter devorado os romances de Walter Scott e Cooper, um após o outro; “[...] um mês depois acabei com o volume de Balzac; e no resto do ano li o que então

havia de Alexandre Dumas e Alfredo de Vigny, além de Chateaubriand e Victor Hugo”. (ALENCAR, 1990, p. 138 – 139).

Já Alvares de Azevedo, o poeta do pessimismo, ultrarromântico, fala diretamente ao leitor no prefácio de *Poemas Malditos*, ao dizer que “É assim. Depois dos poemas épicos, Homero escreveu o poema irônico. Goethe depois de Werther criou o Faust. Depois de Parisina e o Giaour de Byron vem o Cain e Don Juan — Don Juan que começa como Cain pelo amor, e acaba como ele pela descrença venenosa e sarcástica”. (AZEVEDO, 1988).

Inegável, pois, a presença, dentre outros, desses escritores na formação de Azevedo; nota-se que ele não os conhece superficialmente, mas cita nomes de personagens e situações. Da mesma forma também menciona, Casimiro de Abreu, em seu poema *A J. J. C. Macedo Júnior*, o poeta romântico francês Charles Hubert Millevoye: “E dos prelúdios dessa lira ingênua / Em poucos anos surgirá brilhante Milevoye – talvez! ”. (ABREU, 1972, p.52).

Castro Alves, por sua vez, faz clara referência a *Divina Comédia*, do italiano Dante Alighieri, mais especificamente dos cantos sobre o *Inferno* e as torturas realizadas nele, no famoso Navio Negreiro:

"Vibrai rijo o chicote, marinheiros! Fazei-os
mais dançar!..."
E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
E da ronda fantástica a
serpente Faz doudas
espirais...
Qual um sonho **dantesco** as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...
(ALVES. 2013, p. 21)

É citando nomes como George Sand, Mérimée, Balzac, Goethe, Scribe e Dumas que Antônio Cândido pergunta o quanto de autores como esses influenciaram a formação dos romances nacionais. Cândido (1981. p. 121-122). Também não era para menos, muitas livrarias especializadas em obras alemãs, britânicas, portuguesas e fluminenses, por exemplo, surgiam naquele período aqui no Brasil.

É nesse ponto sobre o contato com obras renomadas que Calvino (1993, p.10) diz que as leituras de obras clássicas:

“[...] podem ser formativas no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza [...]”.

E foi justamente o que aconteceu com a leitura, por parte de escritores nacionais, de produções estrangeiras. Eles “beberam” de fontes externas, de autores clássicos e outros que surgiam e eram renomados em seus países.

Assim, escritores como Goethe, Walther Scott, Mary Shelley, Shakespeare, Victor Hugo, Alexandre Dumas dentre outros, foram inspiração para, por exemplo, Joaquim Manoel de Macedo, Alvares de Azevedo, Castro Alves, Casimiro de Abreu e José de Alencar.

4. INFLUÊNCIA DE AUTORES ESTRANGEIROS SOBRE JOSÉ DE ALENCAR

Com todo o aparato estrangeiro presente no Brasil, a saber: moda, costumes, culinária e arte, como a literatura, não poderiam passar os escritores nacionais sem observar tudo o que os rodeava. Começam, então, a retratar em seus livros e personagens o que veem e vivem. Dentre os escritores locais que retratariam essa realidade está José de Alencar, que se tornaria um dos mais renomados escritores do país.

Segundo Bezerra (2016, p. 91), a carga de conhecimento que José de Alencar tinha de literaturas de outros países – Alemanha, Inglaterra, Itália, Estados Unidos, França – é visto em *As Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães.

[...] leio o poema [A Confederação dos Tamoios], abro alguns livros, e vejo com tristeza que a Itália de Virgílio, a Caledônia de Ossian, a Flórida de Chateaubriand, a Grécia de Byron, a ilha de França de Bernardin de SaintPierre são mil vezes mais poéticas do que o Brasil do Sr. Magalhães; ali a natureza vive palpita, sorri, expande-se; aqui parece entorpecida e sem animação. Desejava, meu amigo, não fazer mais citações, para que não se diga que pretendo mostrar erudição sem propósito, o que aliás seria uma injustiça, pois os livros de que falo andam em todas as mãos, e são geralmente conhecidos desde o tempo em que frequentamos os colégios e estudamos as humanidades. (ALENCAR, “s.d.”, apud BEZERRA, 2016, p. 91)

Vê-se que nas palavras do autor, enquanto crítico da literatura, nomes estrangeiros são usados para dar base aos comentários sobre a produção nacional.

Em Carta a D. Paula de Almeida ele diz que:

“Há duas maneiras de estudar a alma: uma dramática, à semelhança de Shakespeare; outra filosófica, usada por Balzac. O romancista dispõe de ambas; mas deve, sempre que possa, dar preferência à primeira, e fazer que seus personagens se desenhem a sim mesmos no correr da ação”. (ALENCAR, 1959, p. 1212).

Referir-se à dramaturgia de Shakespeare como sendo a melhor opção de um romancista para criar seus personagens comparando-as às de Honoré de Balzac é a confirmação pelo próprio José de Alencar do contato que tinha com as criações estrangeiras.

Já quanto à sua própria produção ficcional, é curioso que até na aparência do cavalo de um de seus personagens Alencar retrata a influência do exterior: “O cavalo era digno pedestal estátua Diana. Alto, airoso, de uma estampa soberba, respirava a elegância altiva e serena, que lhe imprimia a educação britânica” (ALENCAR, 2000, p. 27).

Como não poderia ser diferente, suas personagens femininas também apresentam essa mesma pose aristocrática ousada, como na fala de Guida, quando diz não ter queda para ser romântica, pois é filha de banqueiro e tem educação inglesa. (ALENCAR, 2000, p. 27).

Em romances como *A Viúvinha* são mencionados costumes que até então não existiam no Brasil, mas que, com a incorporação estrangeira, passam a atormentar os costumes locais. (ALENCAR, 1991).

Continuando a temática dos romances urbanos, Alencar apresenta a personagem Lucía, em um contexto muito semelhante ao de Esther, do francês Balzac. “Do ponto de vista do assunto, os dois se aproximam por narrarem histórias sobre o amor de cortesãs, que se apaixonam e, depois de muito sofrer por amor, têm a morte como destino”. (OLIVEIRA, “s.d.”).

Em *Lucíola* de Alencar se vê também um forte diálogo com *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho. E tais foram as leituras de Alexandre Dumas por Alencar, e influencias que sofrera, que o escritor e diplomata Joaquim Nabuco, dizia ser o autor brasileiro um imitador de romancistas europeus, até de ser sem capacidade de inovar. “Lucíola não é senão a Dame aux Camélias adaptada ao uso do demi-monde fluminense; cada novo romance que faz sensação na Europa tem uma edição brasileira dada pelo Sr. J. de Alencar, que ainda nos fala da originalidade e do ‘sabor nativo’ dos seus livros”. (BEZERRA, 2016, p. 135).

Ainda com relação a comparações, Bezerra (2016) diz que um crítico anônimo da Crônica Fluminense, ao resenhar sobre *Iracema*, equiparou o escritor brasileiro a Chateaubriand dizendo que:

“Grandes afinidades deve haver entre o espírito de J. de Alencar e o de Chateaubriand. Só eles podem explicar as reminiscências que da Atala nos trouxe à alma o amor de Iracema; como que voltamos à juventude, quando as realidades da vida ainda não haviam desvanecido os enlevos da poesia”. (PINTO, 1874, apud BEZERRA, 2016, p. 99).

Atala, obra de François-René de Chateaubriand, já circulava no Brasil antes da publicação de Iracema; talvez tenha servido de inspiração para essa criação indianista de Alencar. Nas *Cartas sobre As Confederações dos Tamoios* e em *Como e por que Sou Romancista* o brasileiro faz menção ao escritor parisiense deixando claro que conhecia sua obra.

Ainda na linha de romances indianistas, no índio Peri, de *O Guarani*, encontra-se, sem dúvida alguma, além das ideias do mito do Bom Selvagem (de Rousseau), as características cavaleirescas de um lorde europeu. É Peri o herói que representa as origens do nacionalismo puro, como fez Walter Scott com seu personagem Ivanhoé, na Inglaterra. Enquanto a Europa tinha os cavaleiros medievais como símbolo; o Brasil tem, em Alencar, Peri. Como se fazia, pois, necessário distinguir das outras nações a literatura brasileira, valorizou-se então o herói nacional, o índio.

Foi justamente nessa busca pela origem da nação e valorização da pátria (características Românticas) que Alencar foi “acusado de ser ‘um sonhador incorrigível’, pelo teor de fantasia que teria atribuído aos dados históricos, resultando numa obra ‘artificial’”. (BEZERRA, 2016, p. 81). Mesmo assim ele “preconizou um discurso que almejava a história do Brasil em destaque não só na América, mas no mundo, tendo em conta que essa construção provinha da interferência de culturas estrangeiras” (BEZERRA, 2016, p. 81).

De qualquer forma, seja citando outras obras e personagens como incremento de suas produções, como crítico da literatura de seu tempo, seja como forma de expressão inevitável de seu bojo intelectual, ou até mesmo como base para a criação da literatura nacional, basta ler José de Alencar para se ter certeza da influência que teve de autores da literatura estrangeira; as próprias palavras dele o dizem. Mesmo assim, passa, pois, a produção desse escritor a contribuir para a formação de uma literatura nacional que não é imitação das demais, mas constituinte do patrimônio da literatura mundial.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca pela formação de uma literatura puramente brasileira, os escritores do Romantismo nacional buscaram, dentre os autores estrangeiros, as ideias de nacionalismo. Foi nessa busca que escritores como José de Alencar sofreram fortes influências estrangeiras de nomes como Walter Scott, Victor Hugo, Balzac, Lorde Byron, Alexandre Dumas dentre muitos outros.

Autores e obras estrangeiras tiveram nas terras brasileiras fortes presença e contribuição para os escritos e autores que surgiram, ou mesmo aqui já existentes. José de Alencar foi um desses escritores que buscaram dentre os exemplos exteriores inspiração para a criação de personagens e situações em seus livros. A Viúvinha, Sonhos d'Ouro, Cinco Minutos, Lucíola são obras que apresentam, se não nomes de autores e livros estrangeiros, pelo menos costumes europeus sendo incorporados no Brasil do período.

As leituras de Alencar dos autores estrangeiros foram tantas e tal foi a influência delas sobre o renomado autor brasileiro que ele até mesmo foi chamado de imitador de escritores europeus. Seja como for, é inegável que o autor consagrado do indianismo deixa claro em seus livros, e até em autobiografia, que sofreu alguma influência europeia, mesmo que tenha sido para ser co-criador da literatura de forma puramente brasileira.

REFERÊNCIAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 14724: Informação e documentação. Trabalhos Acadêmicos – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ABREU, Casimiro de. **As Primaveras**. São Paulo: Livraria Editora Martins S/A co-edição Instituto Nacional do Livro, 1972.

ABREU, Jânio Jorge Vieira de. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Teresina: FUESPI, 2015.

ALVES, Castro, 1847-1871. **O navio negreiro e Vozes d'África** / Castro Alves. [recurso eletrônico] – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013

AZEVEDO, Álvares de. **Poemas malditos**. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

ALENCAR, José de. **“Carta a D. Paula de Almeida”**. Obra Completa. Rio de Janeiro, José Aguiar, 1959, vol. I, p. 1212.

_____. **Como e porque sou romancista**. Campinas, SP: Pontes, 1990.

_____. **Cinco minutos e A Viúvinha**. 15 ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **O guarani**. 20ª ed., São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Sonhos d'Ouro**. São Paulo: Ática, 2000.

BEZERRA, Valéria Cristina. **Entre o nacional e o estrangeiro: José de Alencar e a constituição da literatura brasileira em cenário internacional**. Campinas, São Paulo: [s.n.], 2016.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 2v. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.

CAJUEIRO, Roberta Liana Pimentel. **Manual de elaboração de trabalhos acadêmicos: guia prático do estudante**. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MACHADO, Ana M. **Como e por que ler os Clássicos Universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.

OLIVEIRA, Regina Cibelle de. **Esther Van Gobseck e Lúcia: percursos de duas cortesãs**.

PEREIRA, Rosamaria Reo. **A presença inglesa no Brasil e sua influência nas obras de escritores brasileiros do século XIX**.

PUGLIA, Daniel. **Muito além da aventura**. Caderno Entrelivros: panorama da literatura inglesa. São Paulo: Ediouro Gráfica, v., p. 53-54. 2007.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo. Editora 34, 2000.